

MOÇÃO

Mo
ção
de
Pes
ar
pel
o
fal
eci
me
nto
do
can
tor
e
co
mp
osi
tor
mi
nei
ro
Lô
Bo
rge
s, um
dos
fun
da
dor
es
do
len
dár
io
Cl
ub
e
da
Es
qui
na,
qu



e
mo
rre
u
no
dia
2
de
no
ve
mb
ro
de
20
25,
em
Bel
o
Ho
riz
ont
e.

A deputada que subscreve este documento, vem, na forma do Regimento Interno, inserir na ata dos trabalhos da Assembleia Legislativa da Bahia Moção de Pesar pelo falecimento do cantor e compositor mineiro Lô Borges, um dos fundadores do lendário Clube da Esquina, que morreu no dia 2 de novembro de 2025, em Belo Horizonte.

Nascido em janeiro de 1952, Salomão Borges Filho, Lô Borges, era filho do jornalista Salomão e da professora Maria Fragoso, a Dona Maricota, o casal que abrigou Milton Nascimento em BH. Foi ela quem apelidou de Clube da Esquina o local onde Lô, os irmãos e adolescentes amigos se juntavam, no Bairro Santa Tereza, para cantar e bater papo, que ficava no encontro das ruas Paraisópolis e Divinópolis.

Lô Borges estava no repertório de Milton Nascimento (Bituca) bem antes do aclamado “Clube da Esquina”, álbum que revolucionou a música popular brasileira. O disco “Milton”, de 1970, trazia dois clássicos dele: “Para Lennon e McCartney”, parceria com Fernando Brant e o irmão Márcio Borges, e “Clube da Esquina”, a número 1, composta com Milton e Márcio. “Alunar” era a oitava faixa, composta por Lô e Márcio.

Milton Nascimento adorou o som criado por Lô e o amigo Beto Guedes, garoto vindo de Montes Claros. Beatlemaníacos apaixonados, os dois tinham a banda cover The Beavers. O imenso Toninho Horta deu aula de harmonia para a dupla de adolescentes até debaixo de um abacateiro.

A primeira canção “Clube da Esquina” surgiu na casa dos Borges, em Santa Tereza. “Lô me mostrou uma harmonia, eu peguei meu violão e comecei a improvisar. Quando a coisa me pega muito fundo, fecho os olhos e não vejo mais nada que tá acontecendo no mundo”, contou Milton.

Quando Bituca voltou a si, viu que dona Maricota chorava e segurava uma vela acesa (a luz havia acabado), enquanto Márcio Borges rabiscava a letra em um caderno. Nascia ali a canção que diz “Noite chegou outra vez/ De novo na esquina



os homens estão/ Todos se acham mortais/ Dividem a noite, a Lua e até solidão”, aquela gravada no disco de 1970, anos duros da ditadura militar.

Lô Borges tinha 10 anos quando conheceu Milton Nascimento, jovem vindo de Três Pontas, levado pelo irmão, Marilton, ao apartamento da família no Edifício Levy, no Centro de BH. O menino ficava ali, ouvindo o amigo Bituca tocar com os irmãos mais velhos - o letrista Márcio Borges foi o primeiro parceiro de Milton Nascimento. Bituca deu a Lô o primeiro violão. Ele tinha 13 para 14 anos. “Era o violão dele!”, avisou Lô no vídeo divulgado nas redes sociais do amigo.

A hoje famosa “Clube da esquina nº 2” era apenas um tema instrumental, gravado no álbum de 1972, composto por Milton e Lô. Só ganhou letra alguns anos depois, a pedido de Nana Caymmi a Márcio Borges. A canção com os versos “Porque se chamava moço/ Também se chamava sonho ...” foi gravada por ela, sem Bituca saber. Ele não confrontou a amiga. Lô a gravou em “A Via-Láctea” (1979) e Milton só viria a fazê-lo em “Angelus” (1993).

A primeira canção de Lô Borges foi uma parceria com o amigo Bituca e com Márcio Borges. A partir desse dia, Lô começou a compor sem parar. Ele gravou dezenas de discos e compôs compulsivamente. Para registro, durante a pandemia Lô fez 40 músicas. “Como Glauber Rocha era uma câmera na mão e outra na cabeça, comigo é um instrumento na mão e uma ideia na cabeça, meio psicografando”, contou ele em entrevista em 2022, ao lançar “Chama Viva”, com letras de Patrícia Maês.

Aquele período foi realmente especial para Lô. Seu maior presente de aniversário em 2022, quando o mineiro comemorou 70 anos de vida e meio século de seus álbuns mais famosos, “Clube da Esquina” e “Lô Borges” (o “Disco do Tênis”), foi realizado com a Filarmônica de Minas Gerais. Lô tinha o maior orgulho porque pela primeira vez a orquestra fez um concerto com repertório exclusivamente popular.

Milton Nascimento foi visionário ao apostar no talento do jovem Lô e assinar com ele “Clube da Esquina” - um álbum inovador, luminoso, escolhido como o nono melhor de todos os tempos, por especialistas da revista Paste, dos Estados Unidos. Bituca chegou a ameaçar a gravadora Odeon, que resistiu em lançar álbum com aquele garoto mineiro desconhecido.

Lô compôs oito canções, cantou, tocou, gravou de primeira “Um girassol da cor de seu cabelo” ao lado de grande orquestra regida por Paulo Moura. O aval de Tom Jobim, que gravou “O trem azul”, canção de Lô e Ronaldo Bastos, em seu álbum “Antônio brasileiro”, em 1994, foi fundamental, e tocante. O maestro soberano deixou Lô emocionado. E a Odeon se rendeu ao garoto de Minas. No mesmo 1972 do “Clube da Esquina”, colocou Lô no estúdio para fazer o “Disco do Tênis”, o primeiro solo do cantor e compositor. Lô teve músicas gravadas por Tom Jobim, Elis Regina, Milton Nascimento, Flávio Venturini, Beto Guedes, 14 Bis, Skank, Nando Reis, entre tantos outros.

Lô Borges é um dos símbolos mais fortes e criativos da música popular brasileira. Você vai fazer muita falta, Lô Borges, mas seu legado é definitivo, você é um dos grandes, e essa deputada e o Brasil tiveram o privilégio de compartilhar sua grande história.

Adeus, Lô Borges.

“Se eu morrer, não chore, não. É só a Lua”.

Como não chorar a sua partida, Lô?

Você deixou uma obra maravilhosa - junto com seus companheiros do Clube da Esquina, que são tantos, a exemplo de Milton Nascimento, Toninho Horta, Wagner Tiso, Beto Guedes, Márcio Borges, Fernando Brant, Flávio Venturini, Nivaldo Ornelas, Paulo Braga e muitos mais, para sempre, marcada na Música Popular Brasileira.

E nós aqui nunca vamos esquecer Lô Borges, porque continuaremos cantando, ouvindo e nos emocionando com suas lindas canções. O Clube da Esquina perdeu um sócio-fundador e o Brasil perdeu um gigante.



O Trem Azul partiu, mas a Chama não tem pavio, porque Os sonhos não envelhecem para quem tem Girassol da cor do seu cabelo e deixa um oceano de harmonia.

Lô Borges deixa o filho Luca, de 27 anos, do casamento com Michelle Arroyo - o jovem que apresentou o pai ao hip-hop, muita saudade, familiares, parceiros, amigos e uma legião de fãs e admiradores.

Obrigada, Lô Borges, por tanto que nem sei contar. Mas tenho uma certeza, a Assembleia Legislativa da Bahia deve, e vai, evocar sua memória. Vá em paz, gigante!

Solicito que essa moção seja enviada à família de Lô Borges, em Belo Horizonte, às Secretarias de Cultura do Estado de Minas Gerais e do Estado da Bahia e às Secretarias de Cultura dos municípios de Belo Horizonte e de Salvador.

Sala das Sessões, 05 de novembro de 2025

Deputada Fabíola Mansur

Sala da Sessões, 6 de novembro de 2025.

Deputado(a) Fabíola Mansur
Servidor



PROTOCOLO DE ASSINATURA(S)

O documento acima foi assinado eletronicamente e pode ser acessado no endereço <https://albalegis.nopapercloud.com.br/homolog/autenticidade> utilizando o identificador 310036003000360036003A005000

Assinado eletronicamente por **FABIOLA MANSUR DE CARVALHO** em **06/11/2025 14:25**

Checksum: **F685D532ED8CD527E45042B8847731CB39DC66A38623954C9E93700877B9E3EB**



Autenticar documento em <https://albalegis.nopapercloud.com.br/homolog/autenticidade>
com o identificador 310036003000360036003A005000, Documento assinado digitalmente conforme art.
4º, II da Lei 14.063/2020.